



1290001063



IE

TCC/UNICAMP As76e

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ECONOMIA

1989

"ESTRUTURA E DINÂMICA DO INVESTIMENTO JAPONÊS
NO BRASIL"

ALUNO: Marcos Camargo de Assis
RA: 860676

ORIENTADOR: Edgard Antonio Pereira

CAMPINAS, DEZEMBRO DE 1989

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
INSTITUTO DE ECONOMIA

ÍNDICE

CAPÍTULO 1 - Panorama Geral do Investimento Japonês no Brasil e o Cenário Internacional --	03
1.1. Introdução -----	03
1.2. O Cenário Internacional -----	04
 CAPÍTULO 2 - O Investimento Japonês no Brasil - Pe ríodo 1977-1986 - Algumas Considera- ções -----	 07
 CAPÍTULO 3 - Desempenho do Universo de Empresas Ana lisado -----	 17
 CAPÍTULO 4 - Comparações entre o Perfil do Desempe- nho do Universo de Empresas analisado e o Investimento Japonês no Brasil, e Considerações Finais -----	 22
 BIBLIOGRAFIA -----	 24
 ANEXOS -----	 26

APRESENTAÇÃO

Este trabalho visa estudar a estrutura e dinâmica do investimento direto japonês no Brasil, no período de 1978 a 1985.

No primeiro capítulo, apresenta-se a posição do Brasil frente aos investimentos externos do Japão, um panorama geral da tendência mundial dos fluxos de capitais e as hipóteses explicativas do defluxo de investimento japonês do Brasil ocorrido na década de 80.

No segundo capítulo, estão apresentados os dados sobre o investimento japonês no Brasil por setores no período analisado.

No capítulo terceiro estão expostos os dados sobre o desempenho de um universo de empresas que contêm capital japonês atuantes no Brasil e que foram objeto de pesquisa deste trabalho.

No capítulo quarto são comparados os dados dos capítulos segundo e terceiro e são tecidas algumas considerações finais.

CAPÍTULO 1
PANORAMA GERAL DO INVESTIMENTO
JAPONÊS NO BRASIL

1.1. Introdução

A economia japonesa é, nos dias de hoje, uma das mais ágeis e avançadas do mundo. Seus superávits comerciais são altíssimos e a saída de investimento direto japonês para o resto do mundo tem tido uma evolução fantástica, alcançando uma taxa de crescimento de mais de 160% no período de 1981 - 1985, comparada ao período de 1976-1980. (1)

O Brasil foi, durante toda a década de 70, um alvo estratégico para os investimentos japoneses, chegando a ser, nesta época, o maior destinatário destes investimentos. (2)

O investimento direto japonês acumulado no Brasil correspondia, no final de 1986, a 9,33% do total de investimentos externos alocados em nosso país (sendo superado somente pelos E.U.A. e Alemanha (3)). Estes investimentos encontram-se, segundo dados do Banco Central, em sua maior parte na indústria de transformação (74,26% do total), com destaque para: a) indústria de materiais elétricos e comunicações (11,79%) ; b) siderurgia (11,03%); c) metalurgia (8,44%); d) mecânica

(1) PEREIRA, Edgard. "Transformações e Tendências do Fluxo Internacional de Capitais". Rio de Janeiro, IEI/UFRJ, mimeo, 1988

(2) Gazeta Mercantil do dia 02/05/1988

(3) Boletim Mensal, Separata, Banco Central do Brasil, Outubro-Novembro, 1987, pág. 15.

(7,56\$); e) veículos automotores (6,65%) (4). Como se pode notar, esta estrutura de investimentos está presente em setores importantes de nossa economia.

Entretanto, tem-se verificado nos primeiros anos da década de 80, um refluxo do volume de investimentos japoneses do Brasil e até mesmo uma saída líquida de capitais em determinados anos, revelando a perda relativa de importância do nosso país na distribuição de tais investimentos (5).

O objetivo deste trabalho é indagar a lógica, a magnitude e as características do refluxo de investimentos diretos japoneses do Brasil na atual década.

1.2. O Cenário Internacional

O quadro referencial das tendências internacionais tomado em conta esta análise é a retomada, nesta década, do controle financeiro internacional por parte dos E.U.A., através da política do dólar forte (6). O governo norte-americano imprimiu uma vigorosa política de valorização do dólar e curvou, a partir de 1980, todas as demais moedas a esta política. Nestas circunstâncias, todos os países foram obrigados a praticar políticas monetárias e fiscais restritivas e superávits comerciais crescentes que minavam o potencial de crescimento interno dos parceiros comerciais norte-americanos (7).

No curso deste processo, foram-se estreitando as

(4) IBIDEM, pag. 17

(5) GAZETA MERCANTIL, 2/5/88 (em 87 passou para 5a. posição sendo superado pelos E.U.A., Panamá, Indonésia e Austrália).

(6) TAVARES, M.C.. "A Retomada da Hegemonia Norte-Americana", R.J., IEI/UFRJ, 1985, texto para discussão nº68, pag.02

(7) IBIDEM, pag.05.

relações de dependência entre as economias japonesa e norte-americana: "O Japão está com a maior parte de seu capital bancário e multinacional atado aos projetos de recuperação americana, com excedentes exportáveis gigantescos, sem possibilidade de retomar sua taxa de investimento e crescimento histórica" (Tavares, 1985, pag.6). Além disso, a moeda japonesa tem se desvalorizado menos que as outras moedas em relação ao dólar e com isso os investimentos japoneses nos E.U.A. têm vantagens sobre os oriundos de outras economias nacionais (8). Assim sendo, parece estar em curso um processo de reordenação econômica internacional, sob a égide dos E.U.A., cuja principal característica é a construção de uma ligação muito forte entre os interesses norte-americanos e japoneses (9). Entre 1980 e 1985, o volume anual de inversões diretas japonesas em direção aos E.U.A. passou de US\$ 1.630 milhões para US\$ 5.500 milhões correspondentes respectivamente a 34,1% e 45,0% do total dos investimentos japoneses no exterior (10). Além dessa ligação entre E.U.A. e Japão, fazendo-se uma generalização sobre os fluxos de investimento direto estrangeiro nos anos 80, pode-se notar uma mudança dos fluxos para fora das regiões em desenvolvimento em direção a países industrializados, e a queda da América Latina como maior polo de atração das regiões em desenvolvimento (11).

Neste contexto internacional, como fica a inserção das economias latino-americanas, em particular o Brasil? O que se verificou ao longo da década de 80 foi um refluxo de capi -

(8) Idem (1)

(9) Idem (1)

(10) Idem (1)

(11) Ver United Nations Centre of Transnational Corporations. "Foreign Direct Investment in Latin America: Recent Trends, Prospects and Policy Issues", UNCTC Current Studies, Series A, nº 3, New York, August 1986.

tal externo do Brasil, inclusive com saídas líquidas em determinados anos (12).

Uma linha de interpretação deste fenômeno associa esta saída de capitais a um movimento de caráter estrutural, resultado desta reorganização internacional dos fluxos de investimentos, à luz do exposto anteriormente.

Outra linha de raciocínio que vai em direção diferente desta, procura explicar o presente refluxo de capital da América Latina, e em especial do Brasil, em função de aspectos conjunturais, ligados à crise das economias da região, mais precisamente à crise da dívida externa. Esta visão é apresentada pelo estudo da unidade conjunta CEPAL/CET e pode ser assim sintetizado: O fluxo de capitais internacionais para a América Latina tem caráter eminentemente cíclico e o refluxo dos investimentos verificado nos anos 80 é totalmente explicado pela crise econômica enfrentada pela região, especialmente a crise do endividamento externo (13).

No presente trabalho trabalhar-se-á com a hipótese de que o presente refluxo de capitais externos da economia brasileira tem determinantes estruturais, resultado do processo de realocação de capitais em curso a nível internacional, sendo as dificuldades conjunturais da economia brasileira, como a dívida externa, a inflação e a incerteza política, agravantes de uma tendência mais geral.

(12) Ver SERRA, J., "Conversão da Dívida Externa, Mito ou Realidade", São Paulo, FEA/USP, mimeo, 1986.

(13) Ver CEPAL/CET, "Las Empresas Transnacionales y La Inversión Extranjera Directa En La Primera Mitade De Los Años 80", 1987.

CAPÍTULO 2

INVESTIMENTO JAPONÊS NO BRASIL (1977-1986): ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo serão apresentados gráficos que mostram o estoque do investimento japonês no Brasil e as séries de evolução destes investimentos no período de 1977 a 1986, para os sete maiores setores por volume de investimento japonês do ano de 1977. Estes gráficos foram construídos utilizando - -se os dados de registro de investimento direto estrangeiro do Firce/Balem e foram apresentados no estudo "A Economia Brasileira no Fluxo Internacional de Capitais - Década de 80" de Edgard Antonio Pereira. As taxas de evolução aqui apresentadas serão agora analisadas e comparadas posteriormente com o desempenho de um universo de empresas atuantes no Brasil que contêm um mínimo de 25% de capital japonês. Este universo de empresas foi objeto de pesquisa do presente trabalho e seus resultados estão apresentados no capítulo seguinte.

A análise dos gráficos 3 e 4, que apresentam a taxa de variação anual dos investimentos japoneses no Brasil, tendo o dólar como moeda-referência, mostra a existência de um comportamento bastante equilibrado entre os ritmos de inversão dos vários setores, não se verificando em nenhum setor altas muito elevadas nem quedas muito acentuadas. Mostra ainda uma aparente retomada dos fluxos de investimento a partir de

1985.

Com a finalidade de isolar o efeito da variação das paridades cambiais dólar-yen, foram elaborados os gráficos 5 e 6 que tem o yen como moeda-referência. A partir destes gráficos constata-se a extrema sincronia das taxas de variação dos setores analisados em termos de direção e magnitude, o que leva a crer na existência de uma estratégia conjunta de atuação dos vários segmentos do capital japonês, seguindo uma lógica global. Além disso, a aparente retomada dos fluxos de investimentos a partir de 1985, verificada nos gráficos 3 e 4, aqui se torna uma evidente retração.

Analisando ainda os gráficos 7 e 8 que mostram a evolução da paridade yen-dólar, e comparando-se com os gráficos 5 e 6, nota-se que nos anos em que o dólar valorizou-se em relação ao yen, existiu um fluxo maior de investimentos em yens e vice-versa, havendo uma compensação da paridade yen-dólar no fluxo de investimentos para o Brasil.

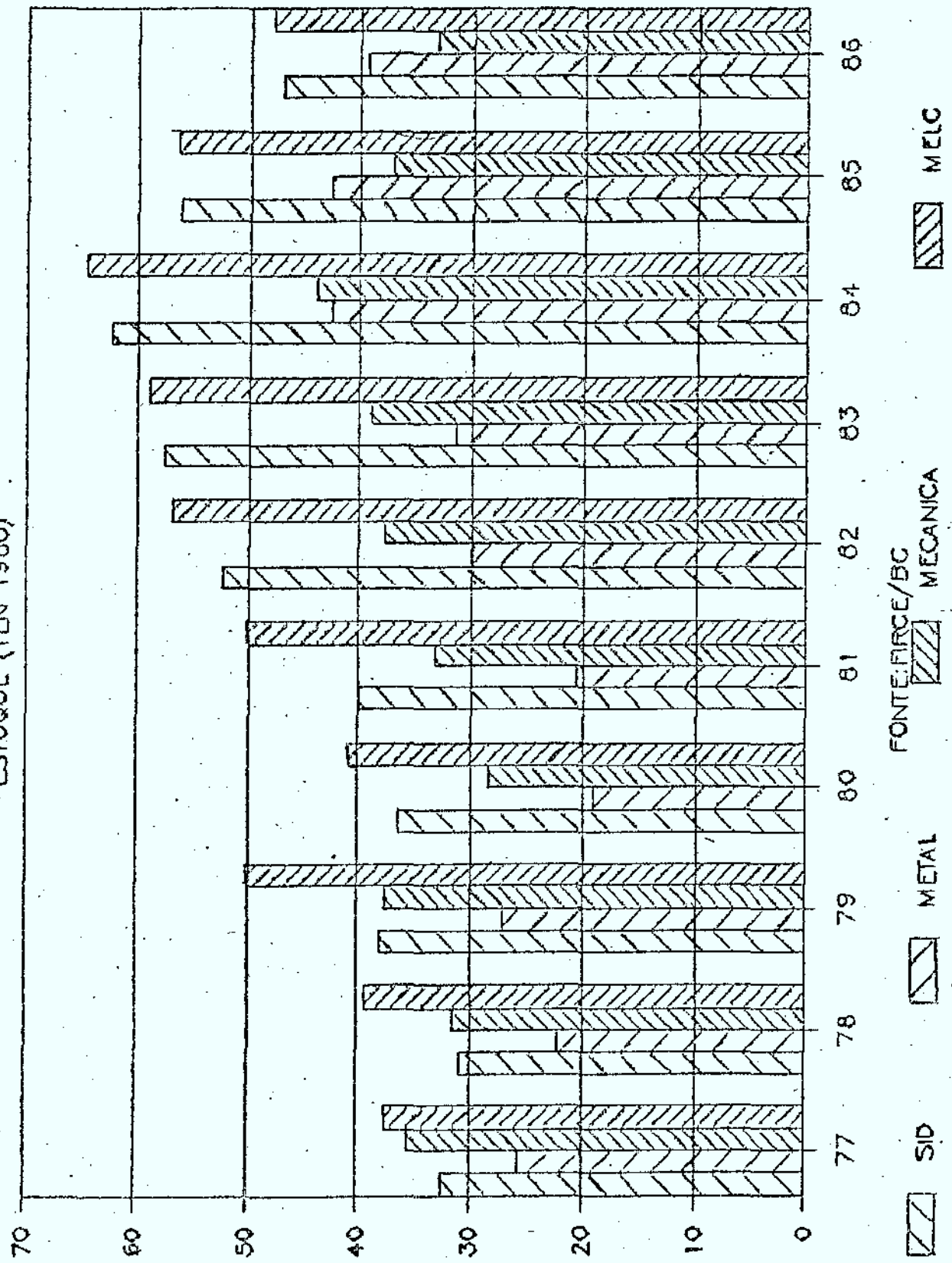
Assim, o estudo mostra que é possível tratar a questão dos investimentos japoneses no Brasil "como fruto de uma política centralizada de manutenção dos estoques de investimentos em dólar, através da compensação do fluxo de investimento em yens de acordo com as paridades yen-dólar". (14)

(14) Ver PEREIRA, Edgard A. "A Economia Brasileira no Fluxo Internacional de Capitais - Década de 80". Rio de Janeiro, IEI/UFRJ, mimeo, pag.19

INVESTIMENTO JAPONES NO BRASIL

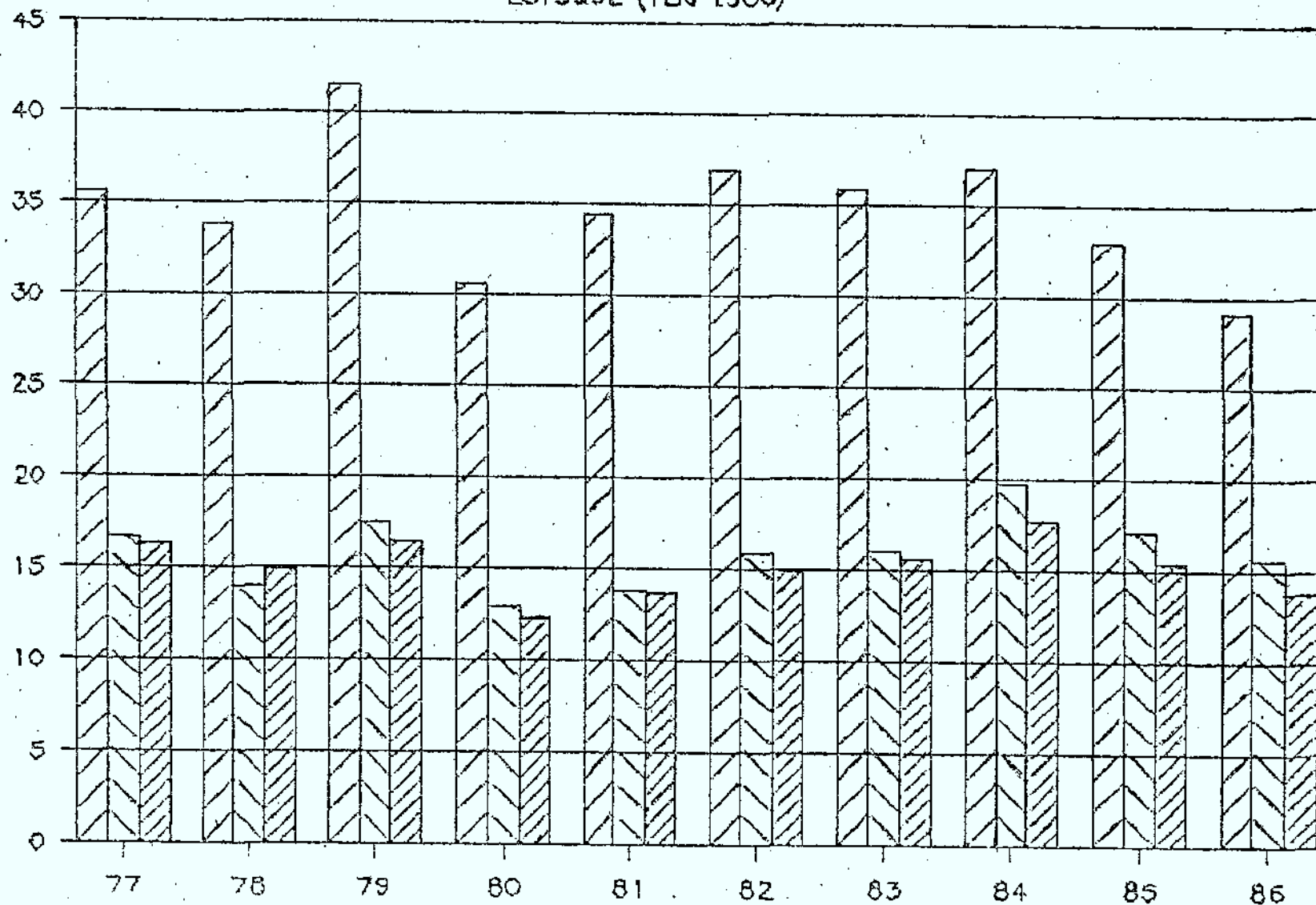
ESTOQUE (YEN 1980)

GRÁFICO 1



INVESTIMENTO JAPONES NO BRASIL

ESTOQUE (YEN 1980)



FONTE: FIRCE/BC



TEXTIL



B.COMERCIAL



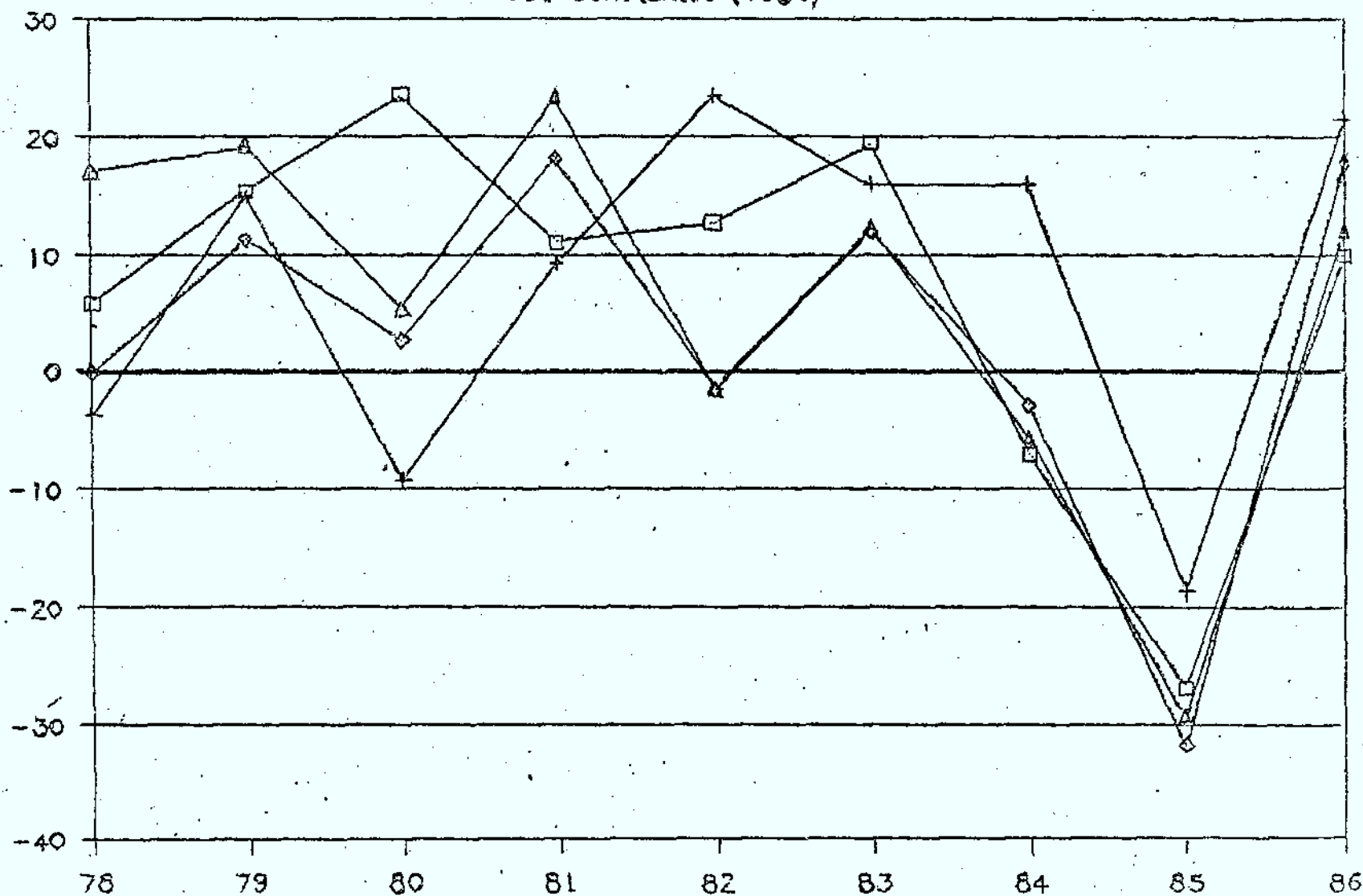
B.INVESTIMENTO

INVEST. JAPONES NO BRASIL

US\$ Constantes (1980)

GRAFICO 3

TX VAR ANUAL



FONTE: FIRCE/BC

□ SIDER

+ METAL

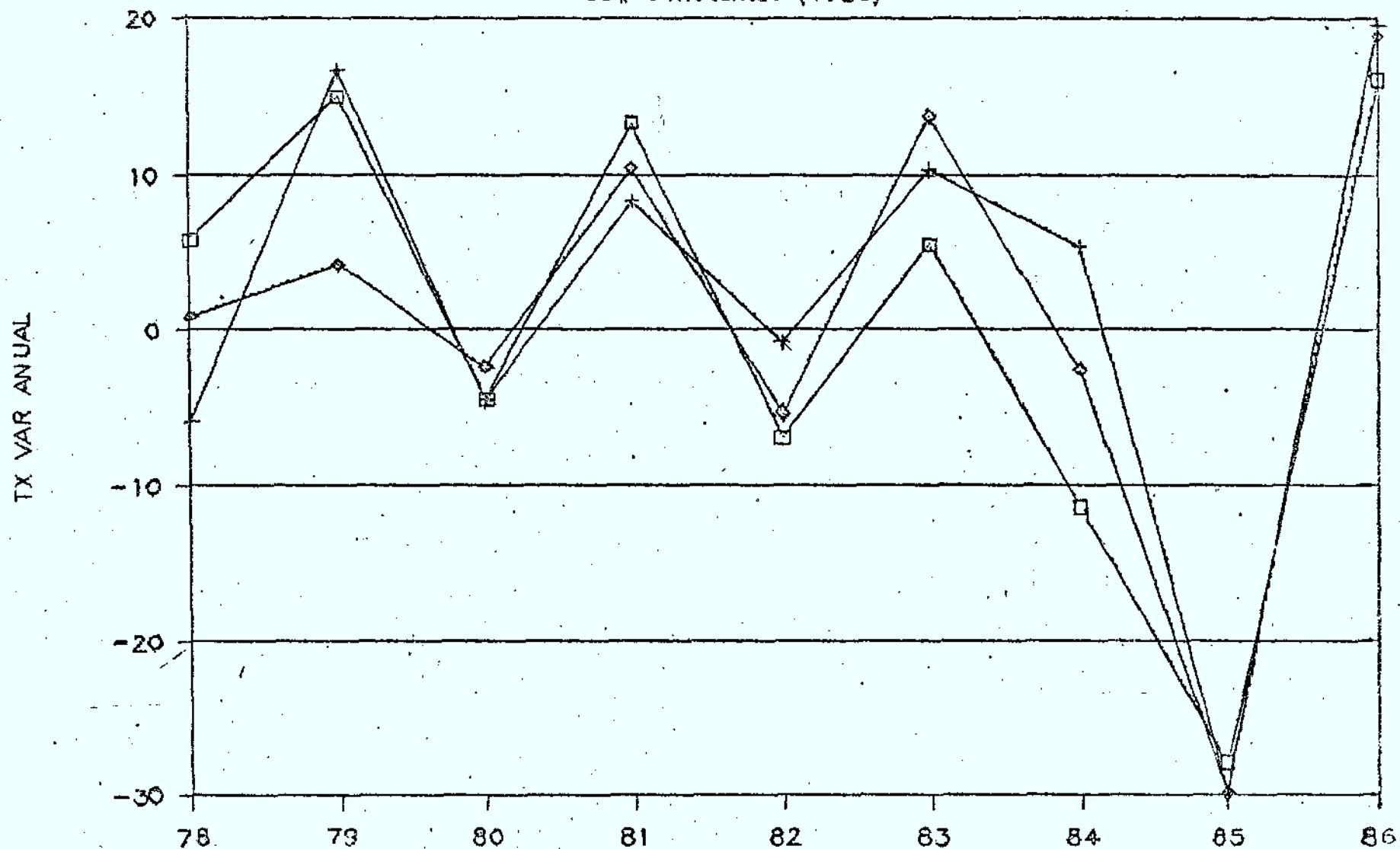
◇ MEC

△ MAT EL COM

INVEST. JAPONES NO BRASIL

US\$ Constantes (1980)

GRAFICO 4



□ TEXTIL

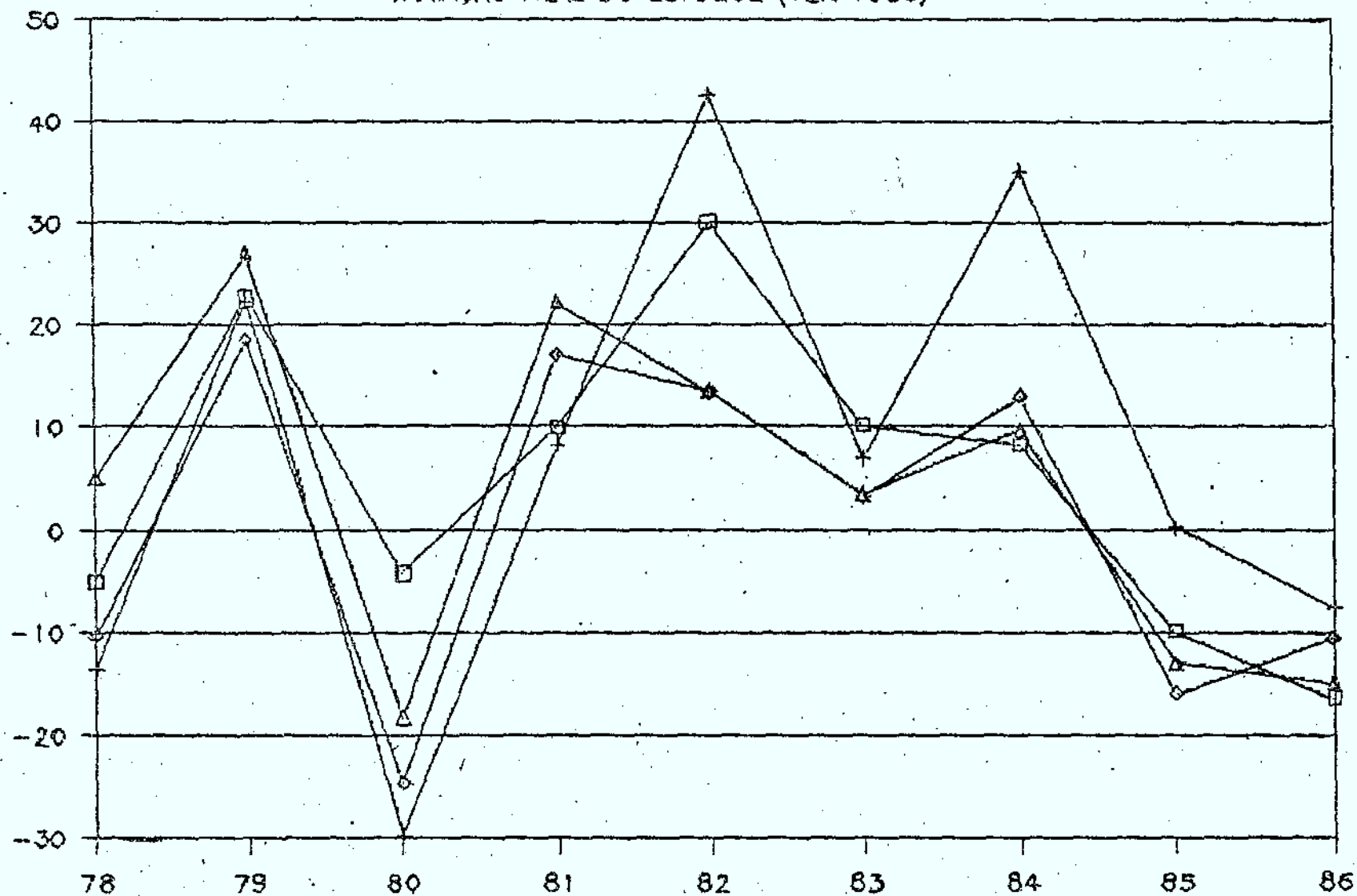
Fonte: FIRCE/BC
+ BANCOM

◇ BANINV

INV DIR POR SETOR: JAPAO

VARIAÇÃO REAL DO ESTOQUE (YEN 1980)

GRAFICO 5



FONTE: FIRCE/BC

□ SD

+ METAL

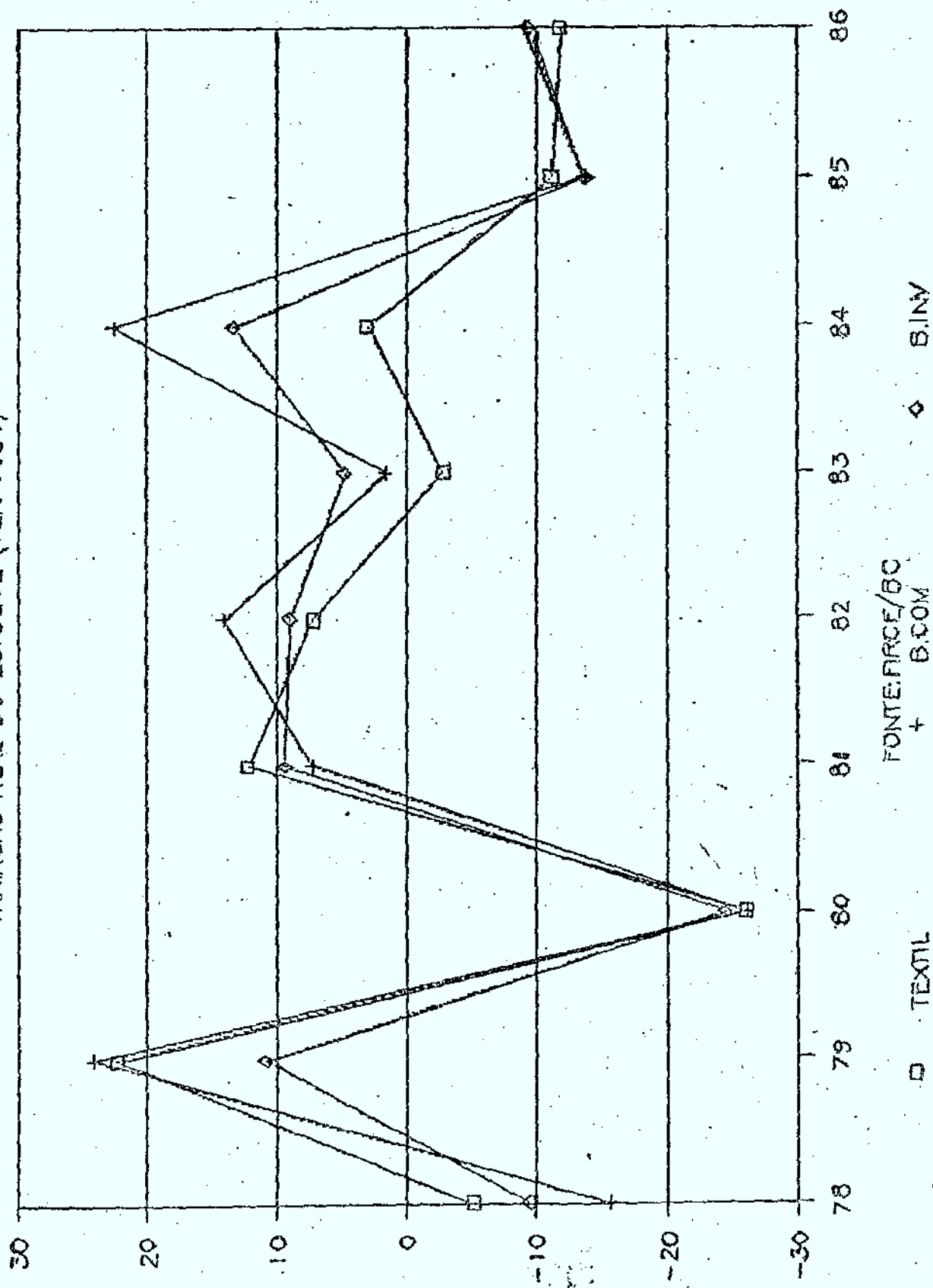
◇ MECANICA

△ MELC

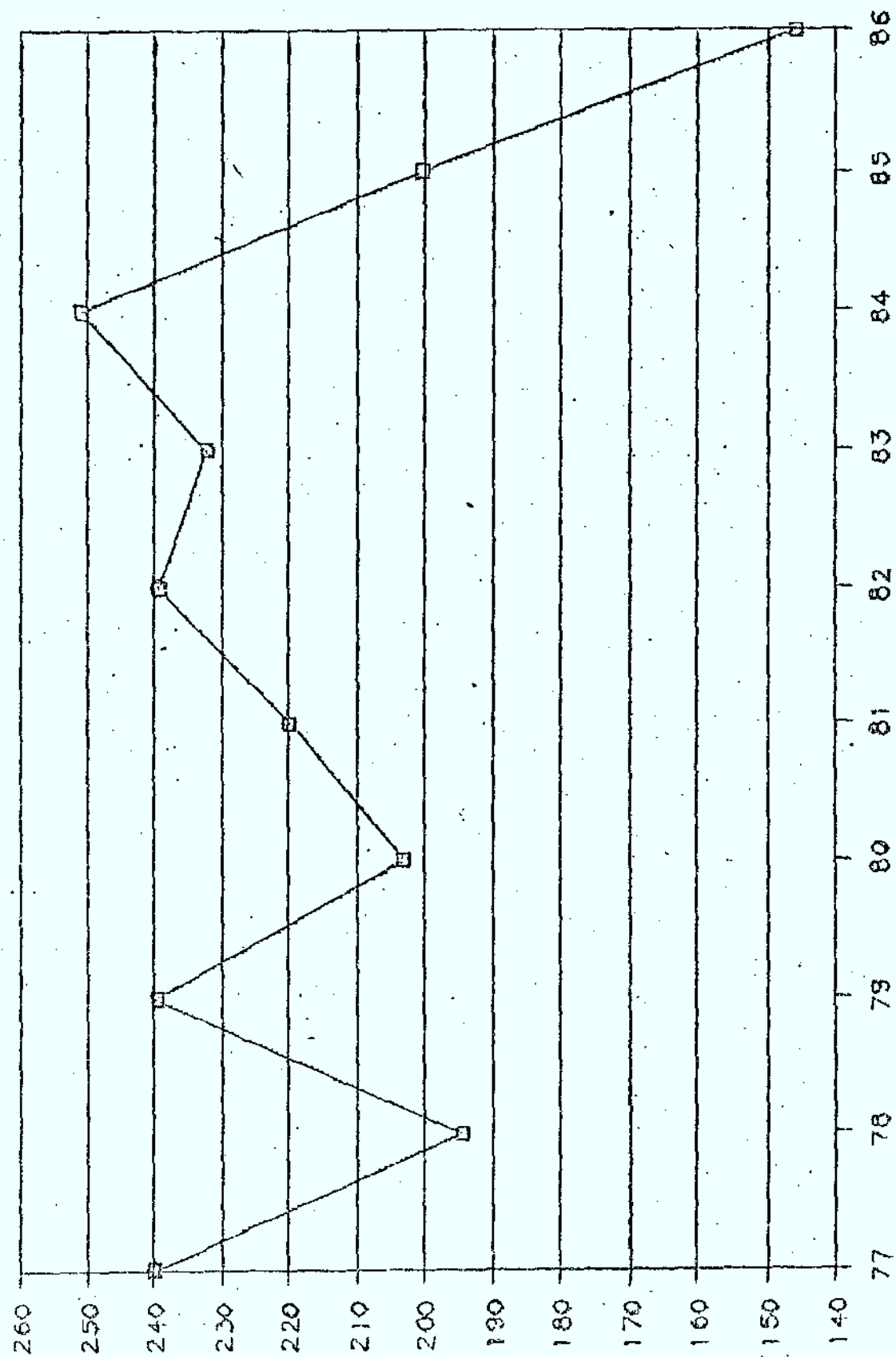
INV DIR POR SETOR: JAPAO

VARIACAO REAL DO ESTOQUE (YEN 1980)

GRAFICO 6

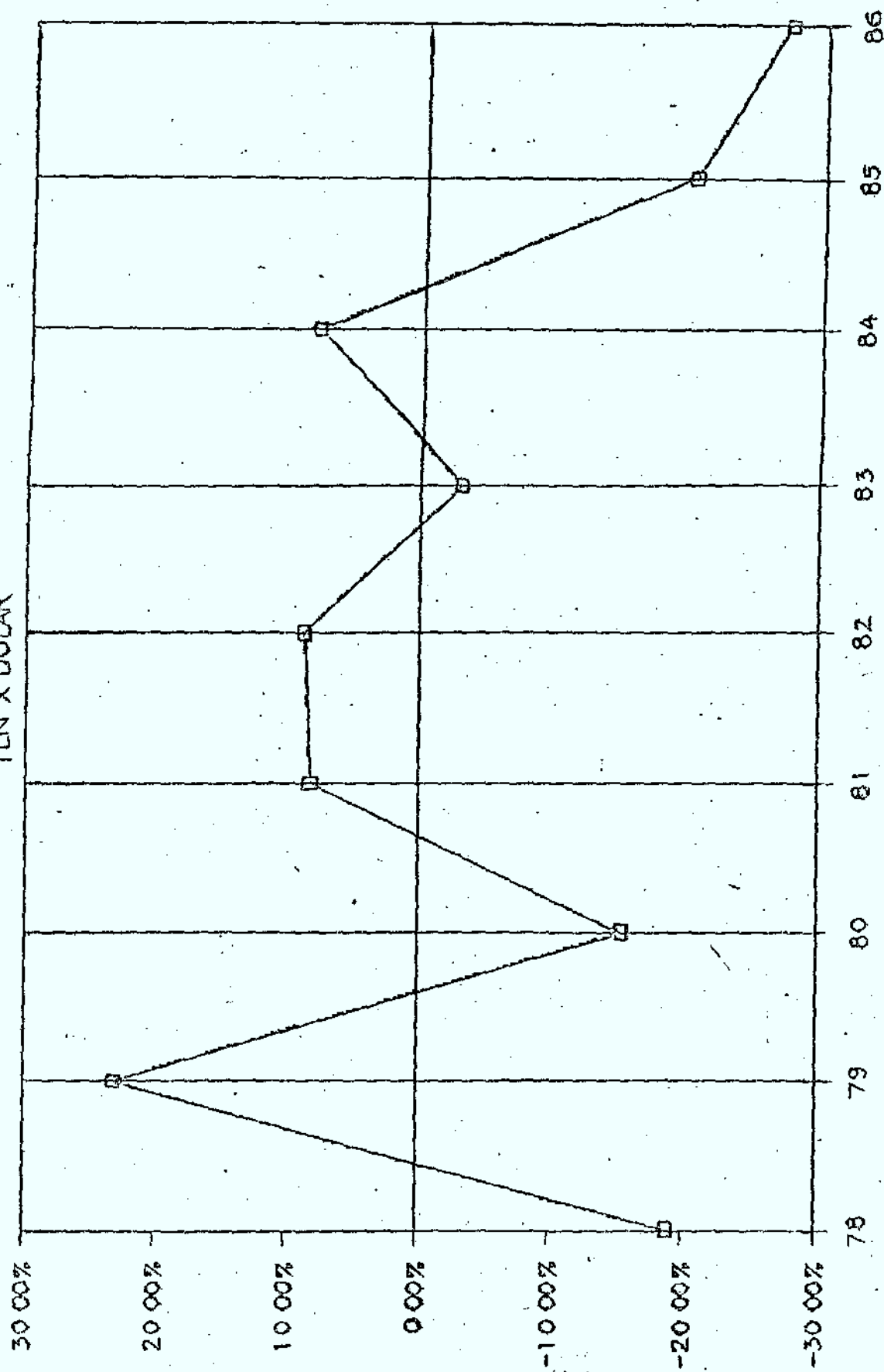


FIGO 7



TX DE VAR. DAS PARID. CAMBIAIS

YEN X DOLAR



CAPÍTULO 3

DESEMPENHO DO UNIVERSO DE EMPRESAS ANALISADO

Neste capítulo, analisar-se-á o desempenho do universo de empresas tomado como base para este trabalho, dados estes construídos conforme metodologia exposta em anexo.

A Tabela I mostra a participação percentual anual dos patrimônios líquidos totais por setor de atividade segundo classificação da publicação "Quem é Quem na Economia Brasileira" das empresas em questão. Ela tem a finalidade de mostrar a estrutura setorial das empresas que atuam no Brasil com um mínimo de 25% de capital japonês, baseado em seus patrimônios líquidos. O Setor Metalurgia é o que apresenta a maior participação média do período com 20,24% do total dos patrimônios líquidos. O Setor Química e Farmaceutica vem em segundo lugar com 18,54%, seguido por Material de Transporte com 13,07%, Material Eletroeletrônico com 10,27% e Mecânica com 9,86%. Estes cinco setores totalizam 62,12% do total de participações médias dos patrimônios líquidos durante o período de 1978-1985, o que mostra que dentre os treze setores analisados, estes são o de maior peso.

No ano de 1978, o Setor Metalurgia respondia por 2,94% do total de patrimônios líquidos das empresas analisadas, passando em 1985 a responder por 22,34% do total, mostrando um aumento considerável de participação. Movimento inverso ocorreu com os setores Mecânica, que passou de 18,50%, em 1978, para

9,86% em 1985, e Material de Transporte que passou de 22,17% , em 1978, para 13,07% em 1985, o que mostra uma diminuição na participação dos patrimônios líquidos desses dois setores sobre o patrimônio líquido total do universo de empresas considerado.

A análise da Tabela II mostra o desempenho do faturamento do universo de empresas no período de 1978 a 1985. Os anos de 1981 e 1983, justamente os de maior recessão no país , mostram os piores desempenhos com oito dos treze setores apresentando taxas de evolução negativa em cada um destes anos. Também as taxas médias de evolução real dos faturamentos não apresenta um bom desempenho. No período 1978-1985, dos treze setores, três apresentam taxas médias negativas (Minerações, Mecânica, Comércio), seis apresentam taxas médias entre 0 e 10% (Agricultura e Silvicultura, Material de Transporte, Móveis e Madeira, Química e Farmacêutica, Produtos Alimentícios e Serviços) e somente quatro apresentam uma taxa média de evolução real de faturamentos maior que 10% (Metalurgia, Material Eletroeletrônico, Têxtil e Vestuário e Construção e Engenharia). O setor que obteve melhor desempenho de faturamento no período foi o de Metalurgia com uma taxa de evolução de 68,42% e o que obteve o pior desempenho de faturamento foi o de Mineração com -19,49% de taxa média de evolução real.

Pode-se dizer que, no geral, o período 1978-1985 apresentou um desempenho ruim para o conjunto de empresas de capital japonês, sendo os piores resultados os referentes aos anos 1981, 1982 e 1983, período mais agudo da recessão.

TABELA I: PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL ANUAL DOS PATRIMÔNIOS LÍQUIDOS TOTAIS DAS EMPRESAS POR SETOR
DE ATIVIDADES 1978 - 1985

SETOR	ANO	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	PARTICIPAÇÃO MÉDIA ARITMÉTICA DURANTE O PERÍODO
1. Agricultura e Silvicultura		0,48	0,22	0,29	0,29	0,28	0,24	0,21	0,22	0,28
2. Mineração		3,81	4,48	4,85	6,89	1,02	4,51	4,25	4,93	4,34
3. Metalurgia		2,94	13,59	20,41	24,38	24,43	27,33	26,49	22,34	20,24
4. Mecânica		18,50	12,96	9,60	8,74	7,99	7,14	6,99	6,95	9,86
5. Mat. Eletroele- trônico		9,35	10,10	8,58	9,62	13,89	10,19	8,54	11,90	10,27
6. Mat. de Trans- porte		22,17	16,85	14,13	12,69	12,45	8,94	7,60	9,73	13,07
7. Móveis e Ma- deira		5,36	6,91	6,51	6,68	8,31	8,70	10,80	7,03	7,54
8. Química e Far- maceutica		19,38	17,33	16,86	15,14	15,05	20,27	22,11	22,18	18,54
9. Têxtil e Ves- tuário		9,22	9,82	10,20	8,05	8,87	6,51	5,79	7,15	8,20
10. Prod. Aliment.		3,88	2,85	2,67	2,43	2,50	2,25	2,66	3,17	2,80
11. Const. e Enge- nharia		1,47	1,35	1,33	1,33	1,54	1,15	0,93	0,91	1,25
12. Comércio		3,06	3,10	4,23	3,39	3,34	2,48	3,40	3,25	3,28
13. Serv. em Geral		0,38	0,44	0,34	0,37	0,35	0,29	0,24	0,24	0,33
T O T A L		100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE 8 - DADOS CONSTRUÍDOS, CONFORME METODOLOGIA EM ANEXO.

TABELA II: TAXA DE EVOLUÇÃO REAL DO FATURAMENTO DAS EMPRESAS POR SETOR

1978-1985

SETOR	ANO	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	TAXA MÉDIA GEO- METRICA
1. Agricultura e Silvicultura		0,37	44,00	4,40	-1,96	10,59	-6,70	-33,40	0,23
2. Mineração		60,72	-49,40	61,67	29,30 ⁽¹⁾	-6,92	18,43	16,41	-19,49
3. Metalurgia		85,46	38,00	-29,79	49,21	-3,03	638,88 ⁽²⁾	102,10	68,42
4. Mecânica		29,10	9,20	-19,97	-11,53	-32,86	4,12	19,49	-2,56
5. Mat. Eletroele- trônico		83,05 ⁽³⁾	-6,50	-27,00	67,41	-22,45	-2,90	28,51	10,60
6. Mat. de Trans- porte		45,03	17,89	18,39	-43,76	-33,46	17,60	63,18	5,49
7. Móveis e Ma- deira		31,66	-1,42	-13,42	36,59	17,07	26,80	-29,41	7,02
8. Quím. e Farma- cêutica		33,65	35,49	-33,58	19,50	-6,53	3,04	16,67	7,09
9. Têxtil e Ves- tuário		47,08	9,50	-23,55	31,96	-3,58	16,84	54,87	16,05
10. Prod. Alimen- tícios		0,84	30,17 ⁽⁴⁾	-22,87	-12,23	2,57	27,78	34,12	6,32
11. Const. e Eng.		947,71 ⁽⁵⁾	-16,27	29,79	35,48	-9,30	-52,75	13,27	33,32
12. Comércio		-49,57	32,96	-29,74	-16,01	5,86	97,44 ⁽⁶⁾	8,59	-1,52
13. Serv. em Geral		-94,84 ⁽⁷⁾	131,63	704,31 ⁽⁷⁾	-2,80	34,80	-24,33	4,73	1,11

Tx. Média Geométrica entre 81 e 83
 Mudança na amostra -- Entrada de 1 empresa
 " " " de 3 empresas
 " " " de 1 empresa
 " " " de 1 empresa
 " " " de 2 empresas
 " Saída de 1 empresa
 Empresa em 1979 e volta da mesma
 Empresa em 1981

(1)
 (2)
 (3)
 (4)
 (5)
 (6)
 (7)

FONTE: DADOS CONSTRUÍDOS CONFORME METODOLOGIA EM ANEXO.

TABELA III: TAXA DE EVOLUÇÃO NOMINAL DO FATURAMENTO DAS EMPRESAS POR SETOR 1978 - 1985
EM PORCENTAGEM

SETOR	ANO	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	TAXA MÉDIA GEO- METRICA
1. Agricultura e Silvicultura			56,83	205,92	113,44	71,56	266,41	234,21	124,61	141,80
2. Mineração			140,25	22,31	241,21	127,46 ⁽¹⁾	127,46	278,25	248,00	125,90
3. Metalurgia			178,62	153,14	32,68	175,26	100,70	2.162,08 ⁽²⁾	527,30	256,62
4. Mecânica			85,66	101,61	92,56	73,79	58,45	218,98	318,12	121,88
5. Mat.Eleetro- eletrônico			178,88 ⁽³⁾	83,16	61,85	237,85	78,92	184,03	328,07	149,84
6. Mat.de Trans- porte			106,67	105,26	188,05	26,34	47,32	221,82	373,80	130,60
7. Móveis e Ma- deira			139,56	151,45	45,28	126,66	182,14	293,18	204,98	153,41
8. Quím.e Farma- ceutica			111,92	228,30	51,72	134,38	146,73	242,65	252,04	156,79
9. Têxtil e Ves- tuário			112,74	93,79	36,18	166,83	109,44	283,84	459,68	153,77
10. Prod.Alimen- tícios			63,07	148,05 ⁽⁴⁾	53,88	83,46	184,42	319,31	350,00	150,15
11. Const.e Enge- nharia			1453,85 ⁽⁵⁾	43,85	172,32	146,62	112,94	55,39	289,20	194,55
12. Comércio			-22,91	142,65	44,38	66,30	156,17	486,10 ⁽⁶⁾	254,96	118,71
13. Serv.em Geral			-92,11 ⁽⁷⁾	322,73	1552,69 ⁽⁷⁾	92,45	225,22	124,64	242,34	121,93

(1) Taxa Média Geométrica entre 1981 e 1983
(2) Mudança na Amostra-- Entrada de 1 empresa
(3) Mudança na Amostra-- Entrada de 3 empresas
(4) Mudança na Amostra-- Entrada de 1 empresa
(5) Mudança na Amostra-- Entrada de 1 empresa
(6) Mudança na Amostra-- Entrada de 2 empresas
(7) Mudança na Amostra
Saída de 1 empresa em 1979
e volta da mesma empresa em 1981

FONTE: DADOS CONSTRUÍDOS CONFORME METODOLOGIA EM ANEXO.

CAPÍTULO 4

COMPARAÇÕES ENTRE O PERFIL DO DESEMPENHO DO UNIVERSO DE EMPRESA ANALISADO E O INVESTIMENTO JAPONÊS NO BRASIL

Tendo como pano de fundo as linhas de análise acerca da dinâmica recente dos investimentos japoneses no Brasil apresentadas no capítulo primeiro deste trabalho, quais sejam, (1) a de que o presente refluxo de capitais japoneses do Brasil na atual década, pode ser explicado totalmente por fatores endógenos, conjunturais, mais especificamente pela crise econômica enfrentada pelo país, especialmente a crise do endividamento externo; e (2) a de que o presente refluxo deva ser entendido como resultado de fatores exógenos, estruturais, mais precisamente pelo processo de reorganização internacional dos fluxos de investimentos liderado pelos E.U.A. e Japão; será feita agora uma contraposição entre o perfil do desempenho do universo de empresas analisado apresentadas no capítulo terceiro e o investimento japonês no Brasil apresentado no capítulo segundo.

Analisando-se as taxas de evolução real do faturamento das empresas por setor apresentadas no capítulo terceiro e que expressam o desempenho destas empresas, em comparação com o Gráfico 5 do capítulo segundo que mostra a variação real do estoque de investimento direto japonês por setor em

yens, nota-se um descompasso entre as variações. Assim, em anos em que os desempenhos das empresas pesquisadas têm uma variação positiva, os fluxos de investimentos têm uma variação negativa, e vice-versa. Como exemplo tem-se o setor de Metalurgia, que no ano de 1980 apresenta um desempenho positivo com taxa real de evolução do faturamento de 38%, enquanto que o fluxo de investimentos é negativo. Esta mesma situação volta a ocorrer em 1981 (em sentido inverso) e em 1985. Outros setores como Mecânica, Material Elétrico e Têxtil e Vestuário apresentam os mesmos desencontros em determinados anos (ver Gráficos 5 e Tabela II). O que parece ocorrer é a independência entre os fluxos de investimento japoneses no Brasil e o desempenho das empresas de capital japonês atuantes no Brasil, e, portanto em relação à situação conjuntural do país.

O que se pode concluir é que o exercício feito neste trabalho coloca em dúvida a hipótese de endogeneidade como causa do refluxo de capitais japoneses do Brasil na década de 80, pela inadequação do perfil do desempenho do universo de empresas pesquisado com o perfil do fluxo de investimento japoneses.

BIBLIOGRAFIA

TAVARES, M.C., "A Retomada da Hegemonia Norte-Americana", Rio de Janeiro, IEI/UFRJ. Texto para discussão nº 68 , 1985.

PEREIRA, Edgard. "Transformações e Tendências do Fluxo Internacional de Capitais". Rio de Janeiro, IEI/UFRJ, mimeo, 1988.

_____. "A Economia Brasileira no Fluxo Internacional de Capitais - Década de 80". Rio de Janeiro, IEI/UFRJ, mimeo, 1989.

CEPAL/CET. "Las Empresas Transaccionales y La Inversion Extranjera Directa En La Primera Mitade De Los Anos 80". 1987.

Banco Central do Brasil, "Boletim Mensal", Separata , Outubro-Novembro, 1987.

Gazeta Mercantil, São Paulo, 02/05/1988

SERRA, J., "Conversão da Dívida Externa, Mito ou Realidade". São Paulo, FEA/USP, mimeo, 1986.

United Nations Centre of Transnational Corporations,
"Foreign Direct Investment in Latin America: Recent
Trends, Prospects and Policy Issues", UNCTC
Current Studies, Series A, nº 3, New York, August
1986.

Revista Visão, "Quem é Quem na Economia Brasileira, São
Paulo, Anos 1979-80-81-82-83-84-85-86.

Guia Interinvest

11
11
11
11
11
11
11

A N E X O S

ANEXO I

METODOLOGIA

O primeiro passo da construção de dados para este trabalho foi a consulta ao "Guia Interinvest", uma publicação que mostra os grandes grupos estrangeiros, suas associações com empresas que atuam no Brasil e a porcentagem de capital estrangeiro presente em cada uma dessas associações. Assim foram listados os grandes grupos japoneses, as empresas com quem estes grupos têm ligações no Brasil e a porcentagem de capital japonês em cada uma destas ligações. Foram consideradas significativas para efeito deste trabalho, todas as associações que contivessem um mínimo de 25% de participação de capital japonês. Dessa forma, foram listadas todas as empresas que atuam no Brasil com um mínimo de 25% de participação de capital japonês, e que serviram de universo de análise para este trabalho.

A partir disso, e com o auxílio da publicação "Quem é quem na Economia Brasileira" da Revista Visão, - que faz um balanço anual dos diversos setores da economia brasileira, destacando as principais empresas por critérios de patrimônio líquido, faturamento, rentabilidade, etc. -, o universo de empresas foi dividido por setores de atividade estando apresentado no Anexo II.

Com o universo de análise definido, e utilizando o mesmo "Quem é Quem na Economia Brasileira", foram colhidos dados de faturamento e patrimônio líquido das empresas por se-

tor, no período de 1978 à 1985, resultando nas tabelas apresentadas no Anexo III, que mostram, além do número de empresas por setor, o faturamento médio, faturamento total e o patrimônio líquido total por setor das empresas que têm no mínimo 25% de participação de capital japonês, atuantes no Brasil.

Tendo os dados de faturamento e patrimônio líquido por setor, do universo de análises, o passo seguinte foi a construção das taxas de evolução nominais e reais do faturamento no período de 1978 à 1985. Para a construção das taxas nominais, dividiram-se os faturamentos totais por setor de cada ano pelos faturamentos totais por setor do ano imediatamente anterior, resultando na Tabela I, apresentada no capítulo de desempenho. Para a construção das taxas reais de evolução do faturamento foram divididos os faturamentos totais por setor de cada ano pelos faturamentos totais por setor do ano imediatamente anterior multiplicados por índices de correção. Estes índices de correção utilizados foram feitos tomando-se os índices de preços no atacado anuais de cada setor, apresentados na Revista Conjuntura Econômica e dividindo-se pelos índices de preços no atacado do ano imediatamente anterior, resultando nas tabelas de índices de correção por setor apresentadas no Anexo IV. A tabela da taxa de evolução real do faturamento do universo de empresas está apresentada no capítulo de desempenho.

Outra tabela apresentada no capítulo de desempenho é a que dá a participação percentual anual dos patrimônios líquidos totais das empresas por setor de atividade. Ela foi construída fazendo-se a porcentagem dos patrimônios líquidos totais de cada setor em função do patrimônio líquido total anual do universo de empresas.

Torna-se necessário dizer que a divisão por setores utilizada neste trabalho segue a divisão apresentada pela publi

cação "Quem é Quem na Economia Brasileira" da Revista Visão e que foram excluídas da análise as empresas financeiras.

ANEXO II

Esta é a relação de empresas que foi utilizada como universo deste trabalho, divididas por setores de atividade:

1. Agricultura e Silvicultura

1.1. Magrisa - Maruben: Agroindustrial S.A.

1.2. Agropecuária Eudimar

2. Mineração

2.1. Companhia Nipo Brasileira de Pelotização

2.2. Minas da Serra Geral

3. Metalurgia

3.1. Rio Negro - Comércio e Indústria de Aço S.A.

3.2. IKK do Brasil Indústria e Comércio S.A.

3.3. Companhia Siderúrgica de Tubarão - C.S.T.

3.4. Primus Processamento de Tubos S.A. - PROTUBO

3.5. ATA Combustão Técnica S.A.

4. Mecânica

4.1. Howa S.A. Indústrias Mecânicas

4.2. CBC S.A. Indústrias Pesadas

4.3. Toshiba do Brasil S.A.

4.4. Yanmar do Brasil S.A.

4.5. Terasaki do Brasil S.A.

- 4.6. M. Dedini S.A. Metalurgia
- 4.7. Pilot Pen do Brasil S.A. Ind. e Com.
- 4.8. Clemente Cifali S.A. - Máquinas Rodoviárias
- 4.9. Elevadores Sur S.A.

5. Material Eletroeletrônico

- 5.1. Furukawa Industrial S.A. Produtos Elétricos
- 5.2. Indústrias Hitachi S.A.
- 5.3. Eletrodos Torsima S.A.
- 5.4. Semp Toshiba Amazonas S.A.
- 5.5. NEC do Brasil S.A.
- 5.6. Marsicano S.A. Indústria de Condutores Elétricos
- 5.7. Fuji Eletric Nordeste S.A. - FUJINOR
- 5.8. Sanyo da Amazonia S.A.
- 5.9. Semp Toshiba S.A.
- 5.10. National do Brasil S.A.

6. Material de Transporte

- 6.1. Ishibrãs - Ishikawajima do Brasil - Estaleiros S.A.
- 6.2. Komatsu do Brasil S.A.
- 6.3. Indústria Cerâmica Velas de Ignição
NGK do Brasil S.A.
- 6.4. Toyota do Brasil S.A. Indústria e Comércio
- 6.5. Yamaha Motor do Brasil Ltda.
- 6.6. Companhia NHK Cimebra Comercial Industrial Mecânica
Brasileira
- 6.7. Nakata Riken S.A. Indústria e Comércio
- 6.8. Hatsuta Suzuki Industrial S.A.

7. Móveis e Madeira

- 7.1. Cenibra - Celulose Nipo Brasileira S.A.
- 7.2. Eidai do Brasil S.A.
- 7.3. Papelok S.A.

8. Química e Farmacêutica

- 8.1. Cacique de Embalagens S.A. Industria e Comércio
- 8.2. Iharabrás S.A. Indústria Química
- 8.3. CPC - Companhia Petroquímica de Camaçari S.A.
- 8.4. Ciquine - Companhia Petroquímica S.A.
- 8.5. Polialden - Petroquímica S.A.
- 8.6. Politenó - Indústria e Comércio S.A.
- 8.7. Fertilizantes Mitsui S.A.

9. Têxtil e Vestuário

- 9.1. Fantex S.A. Ind. Comércio Têxtil
- 9.2. Karibê S.A. Indústria e Comércio
- 9.3. Beneficiamento Malharia Confecção Prist S.A.
- 9.4. Fiação Tecelagem Kanebo do Brasil S.A.
- 9.5. Kanebo Silk do Brasil S.A.
- 9.6. Lanificio Kurashiki do Brasil S.A.
- 9.7. Brasiliana Produtos Têxteis S.A.
- 9.8. Toyobo do Brasil S.A. Indústria Têxtil
- 9.9. Omi Zillo Lorenzetti S.A. Indústria Têxtil
- 9.10. Sedas Shoei Bratac S.A.
- 9.11. Fieltext S.A. Indústria Têxtil

10. Produtos Alimentícios

- 10.1. Companhia Iguaçu de Café Solúvel S.A.
- 10.2. Mitsui Yoshioka Agro Industrial S.A.

10. Produtos Alimentícios (cont.)

10.3. Yakult S.A. Indústria e Comércio

10.4. Frigorífico Yukijirush do Paraná S.A. Frypar

10.5. Caetê S.A. Indústria e Comércio de Bebidas

11. Construção e Engenharia

11.1. A.Araújo S.A. Engenharia e Montagens

11.2. Boviêl - Kyowa S.A. Consts.Telecomunicações

11.3. Construtora Toda do Brasil S.A.

12. Comércio

12.1. C.Itoh do Brasil S.A.

12.2. Formac (Bahia) S.A. - Fornecedora de Máquinas

12.3. Mitsubishi Corporation do Brasil S.A.

12.4. Kanematsu Gosho do Brasil S.A.

12.5. Marubewi Brasil S.A.

12.6. Nissho Iwai do Brasil S.A.

12.7. Sumitomo Corporation do Brasil S.A.

12.8. Toyomenka do Brasil S.A.

12.9. Companhia Yanmar S.A. Distribuidora de Máquinas

12.10. Marubeni Colorado S.A.

13. Serviços em Geral

13.1. Kyoei do Brasil S.A.

13.2. Kyoei Falcon S.A.

ANEXO III

Este é o conjunto de Tabelas com os Dados de Faturamento e Patrimônio Líquido do universo de empresas tomadas como base para este trabalho e que possibilitaram a construção das Tabelas apresentadas no Capítulo 3.

ANO 1978

SETOR	Nº DE EMPRESAS	FATURAMENTO MÉDIO	FATURAMENTO TOTAL	PATR.LIQ. TOTAL
1. AGRICULTURA E SÍ- VICULTURA	1	18,3	18,3	76,6
2. MINERAÇÃO	2	776,6	1.553,3	610,3
3. METALURGIA	3	227,9	683,8	471,5
4. MECÂNICA	7	596,4	4.147,9	2.965,7
5. MATERIAL ELETRO- ELETRÔNICO	6	541,0	3.245,9	1.499,1
6. MATERIAL DE TRANS- PORTE	7	836,3	5.853,8	3.555,4
7. MÓVEIS E MADEI- RA	3	466,8	1.400,5	859,2
8. QUÍMICA E FAR- MACEUTICA	6	518,1	3.468,5	3.106,0
9. TÊXTIL E VES- TUÁRIO	11	318,5	3.503,7	1.478,4
10. PRODUTOS ALI- MENTÍCIOS	3	531,0	1.592,9	622,2
11. CONSTRUÇÃO E ENGENHARIA	2	55,8	111,6	235,7
12. COMÉRCIO	6	473,2	2.839,4	489,8
13. SERVIÇOS EM GERAL	1	27,9	27,9	60,9

*VALORES EM MIL CRUZADOS (CZ\$ 1.000.)

TOTAL 16.030,8

ANO 1979

SETOR	Nº DE EMPRESAS	FATURAMENTO MÉDIO	FATURAMENTO TOTAL	PATR.LÍQ. TOTAL
1. AGRICULTURA E SI- VICULTURA	1	28,7	28,7	73,8
2. MINERAÇÃO	2	1.865,9	3.731,8	1.516,4
3. METALURGIA	4	635,1	1.905,2	4.594,3
4. MECÂNICA	8	962,6	7.700,8	4.380,7
5. MATERIAL ELETRO- ELETRÔNICO	9	1.005,8	9.052,3	3.414,2
6. MATERIAL DE TRANS- PORTE	7	1.728,3	12.098,0	5.698,3
7. MÓVEIS E MADEI- RA	3	1.118,4	3.355,1	2.335,0
8. QUÍMICA E FAR- MACEUTICA	7	1.050,1	7.350,6	5.858,6
9. TÊXTIL E VES- TUÁRIO	14	532,4	7.453,8	3.320,5
10. PRODUTOS ALI- MENTÍCIOS	4	649,3	2.597,5	965,3
11. CONSTRUÇÃO E ENGENHARIA	3	578,0	1.734,1	457,6
12. COMÉRCIO	6	364,8	2.188,9	1.051,3
13. SERVIÇOS EM GERAL	1	2,2	2,2	147,6

*VALORES EM MIL CRUZADOS (CZ\$ 1.000)

TOTAL 33.813,6

ANO 1980

SETOR	Nº DE EMPRESAS	FATURAMENTO MÉDIO	FATURAMENTO TOTAL	PATR.LIQ. TOTAL
1. AGRICULTURA E SI- VICULTURA	1	87,8	87,8	196,9
2. MINERAÇÃO	2	4.564,4	9.128,8	3.257,0
3. METALURGIA	4	1.607,6	4.822,8	13.701,0
4. MECÂNICA	9	1.725,7	15.525,6	6.448,4
5. MATERIAL ELETRO- ELETRÔNICO	8	2.072,5	16.580,3	5.759,8
6. MATERIAL DE TRANS- PORTE	7	3.547,4	24.831,9	9.487,1
7. MÓVEIS E MADEI- RA	3	2.812,1	8.436,4	4.369,6
8. QUÍMICA E FAR- MACEUTICA	7	3.447,4	24.131,8	11.318,3
9. TÊXTIL E VES- TUÁRIO	14	1.031,8	14.444,7	6.845,9
10. PRODUTOS ALI- MENTÍCIOS	5	1.288,6	6.443,0	1.793,3
11. CONSTRUÇÃO E ENGENHARIA	3	827,7	2.481,8	893,1
12. COMÉRCIO	8	663,9	5.311,3	2.839,8
13. SERVIÇOS EM GERAL	1	9,3	9,3	226,0

*VALORES EM MIL CRUZADOS (CZ\$ 1.000)

TOTAL 67.136,2

ANO 1981

SETOR	Nº DE EMPRESAS	FATURAMENTO MÉDIO	FATURAMENTO TOTAL	PATR.LIQ. TOTAL
1. AGRICULTURA E SI VICULTURA	1	187,4	187,4	435,6
2. MINERAÇÃO	2	7.773,6	15.547,3	10.231,8
3. METALURGIA	4	2.132,3	6.399,0	36.209,3
4. MECÂNICA	7	4.270,8	29.895,6	12.983,1
5. MATERIAL ELETRO- ELETRÔNICO	9	2.981,6	26.834,8	14.289,0
6. MATERIAL DE TRANS PORTE	7	10.218,2	71.527,4	18.848,1
7. MÓVEIS E MADEI- RA	3	4.085,6	12.256,8	9.926,1
8. QUÍMICA E FAR- MACEUTICA	7	5.230,4	36.612,8	22.492,9
9. TÊXTIL E VES- TUÁRIO	11	1.788,2	19.670,7	11.959,2
10. PRODUTOS ALI- MENTÍCIOS	5	1.982,8	9.914,2	3.608,4
11. CONSTRUÇÃO E ENGENHARIA	3	2.252,8	6.758,4	1.981,8
12. COMÉRCIO	7	1.095,6	7.668,6	5.031,1
13. SERVIÇOS EM GERAL	2	76,9	153,7	556,8

*VALORES EM MIL CRUZADOS (CZ\$ 1.000)

TOTAL 14.548,20

ANO 1982

SETOR	Nº DE EMPRESAS	FATURAMENTO MÉDIO	FATURAMENTO TOTAL	PATR.LIQ. TOTAL
1. AGRICULTURA E SI- VICULTURA	1	321,5	321,5	866,7
2. MINERAÇÃO	1	1.828,3	1.828,3	3.174,6
3. METALURGIA	5	3.522,8	17.614,0	76.318,4
4. MECÂNICA	7	7.422,0	51.954,2	24.951,4
5. MATERIAL ELETRO- ELETRÔNICO	10	9.066,3	90.662,6	43.390,6
6. MATERIAL DE TRANS- PORTE	5	18.073,2	90.365,9	38.897,5
7. MÓVEIS E MADEI- RA	3	9.260,6	27.781,7	25.955,9
8. QUÍMICA E FAR- MACEUTICA	7	12.259,0	85.813,3	47.011,4
9. TÊXTIL E VES- TUÁRIO	11	4.771,6	52.487,6	27.709,1
10. PRODUTOS ALI- MENTÍCIOS	5	3684	18.188,2	7.819,2
11. CONSTRUÇÃO E ENGENHARIA	3	5.555,8	16.667,3	4.814,4
12. COMÉRCIO	7	1.821,9	12.752,9	10.425,7
13. SERVIÇOS EM GERAL	2	147,9	295,8	1.091,1

*VALORES EM MIL CRUZADOS (CZ\$ 1.000)

TOTAL - 312.426

ANO 1983

SETOR	Nº DE EMPRESAS	FATURAMENTO MÉDIO	FATURAMENTO TOTAL	PATR.LIQ. TOTAL
1. AGRICULTURA E SI VICULTURA	1	1.178	1.178	2.626
2. MINERAÇÃO	2	40.288	80.576	49.968
3. METALURGIA	5	8.837	35.351	303.120
4. MECÂNICA	7	11.760	82.323	79.216
5. MATERIAL ELETRO- ELETRÔNICO	9	18.023	162.211	113.030
6. MATERIAL DE TRANS PORTE	5	26.626	133.130	99.191
7. MÓVEIS E MADEI- RA	3	26.128	78.383	96.468
8. QUÍMICA E FAR- MACEUTICA	7	30.247	211.731	224.841
9. TÊXTIL E VES- TUÁRIO	10	10.993	109.930	72.195
10. PRODUTOS ALI- MENTÍCIOS	5	10.346	71.730	24.907
11. CONSTRUÇÃO E ENGENHARIA	3	11.830	35.491	12.754
12. COMÉRCIO	7	4.667	32.669	27.464
13. SERVIÇOS EM GERAL	2	481	962	3.237

*VALORES EM MIL CRUZADOS ((Z\$ 1.000)

TOTAL 1.109.017

ANO 1984

SETOR	Nº DE EMPRESAS	FATURAMENTO MÉDIO	FATURAMENTO TOTAL	PATR.LIQ. TOTAL
1. AGRICULTURA E SI- VICULTURA	1	3.937	3.937	9.377
2. MINERAÇÃO	2	152.388	304.776	189.913
3. METALURGIA	5	159.934	799.668	1.183,584
4. MECÂNICA	7	37.513	262.592	312.510
5. MATERIAL ELETRO- ELETRÔNICO	9	51.191	460.723	381.378
6. MATERIAL DE TRANS- PORTE	5	85.687	428.436	339.550
7. MÓVEIS E MADEI- RA	3	102.828	308.185	482.520
8. QUÍMICA E FAR- MACEUTICA	7	103.642	725.495	1988.019
9. TÊXTIL E VES- TUÁRIO	11	38.359	421.952	258.515
10. PRODUTOS ALI- MENTÍCIOS	5	43.381	216.907	118.777
11. CONSTRUÇÃO E ENGENHARIA	3	18.383	55.148	41.469
12. COMÉRCIO	9	21.275	191.474	151.833
13. SERVIÇOS EM GERAL	2	1.080	2.161	10.505

*VALORES EM MIL CRUZADOS (CZ\$ 1.000)

TOTAL 4.467.950

ANO 1985

SETOR	Nº DE EMPRESAS	FATURAMENTO MÉDIO	FATURAMENTO TOTAL	PATR.LIQ. TOTAL
1. AGRICULTURA E SI- VICULTURA	1	8.843	8.843	31.436
2. MINERAÇÃO	2	530.305	1.060.610	704.035
3. METALURGIA	5	1.003.258	5.016.290	3.187.506
4. MECÂNICA	7	156.848	1.097.939	991.105
5. MATERIAL ELETRO- ELETRÔNICO	9	219.135	1.972.215	1.698.738
6. MATERIAL DE TRANS- PORTE	6	338.319	2.029.914	1.388.351
7. MÓVEIS E MADEI- RA	3	313.298	939.894	1.002.714
8. QUÍMICA E FAR- MACEUTICA	7	364.864	2.554.048	3.165.037
9. TÊXTIL E VES- TUÁRIO	11	214.691	2.361.601	1.020.781
10. PRODUTOS ALI- MENTÍCIOS	5	195.215	976.075	452.683
11. CONSTRUÇÃO E ENGENHARIA	3	71.545	214.635	129.714
12. COMÉRCIO	9	75.517	679.653	464.329
13. SERVIÇOS EM GERAL	2	3.966	7.398	33.716

*VALORES EM MIL CRUZADOS (CZ\$ 1.000)

TOTAL 14.270.145

ANEXO IV

Esta é a relação das Tabelas de Inflatores utilizadas na confecção das taxas de devolução reais do faturamento do universo de empresas utilizado neste trabalho. Os inflatores mostram a variação anual do índice de preços no atacado em cada setor.

A fonte utilizada para a coleta dos IPA'S setoriais anuais foi uma série de números da Revista Conjuntura Econômica. Eis as Tabelas:

1. Agricultura e Silvicultura

<u>Ano</u>	<u>Inflatores</u>
1979	1.5625
1980	2.1245
1981	2.0444
1982	1.7498
1983	3.3132
1984	3.5823
1985	3.3728

2. Mineração

<u>Ano</u>	<u>Inflatores</u>
1979	1.4948
1980	2.4174
1981	2.1106
1982	1.7592
1983	2.4435
1984	3.1939
1985	2.9893

3. Metalurgia

<u>Ano</u>	<u>Inflatores</u>
1979	1.5023
1980	1.8344
1981	1.8900
1982	1.8448
1983	2.0697
1984	3.0615
1985	3.1039

4. Mecânica

<u>Ano</u>	<u>Inflatores</u>
1979	1.4381
1980	1.8462
1981	2.4062
1982	1.9644
1983	2.3602
1984	3.0635
1985	3.4991

5. Material Eletroeletrônico

<u>Ano</u>	<u>Inflatores</u>
1979	1.5235
1980	1.9590
1981	2.2170
1982	2.0181
1983	2.3072
1984	2.9251
1985	3.3310

6. Material de Transporte

<u>Ano</u>	<u>Inflatores</u>
1979	1.4250
1980	1.7411
1981	2.4330
1982	2.2464
1983	2.2141
1984	2.7366
1985	2.9036

7. Móveis e Madeira

<u>Ano</u>	<u>Inflatores</u>
1979	1.8196
1980	2.5507
1981	1.6780
1982	1.6594
1983	2.4099
1984	3.1008
1985	4.3204

8. Química e Farmacêutica

<u>Ano</u>	<u>Inflatores</u>
1979	1.5857
1980	2.4231
1981	2.2844
1982	1.9613
1983	2.6398
1984	3.3253
1985	3.0174

9. Têxtil e Vestuário

<u>Ano</u>	<u>Inflatores</u>
1979	1.4464
1980	1.7697
1981	1.7813
1982	2.0221
1983	2.1722
1984	3.2852
1985	3.6140

10. Produtos Alimentícios

<u>Ano</u>	<u>Inflatores</u>
1979	1.6445
1980	1.9055
1981	1.9950
1982	2.0901
1983	2.7728
1984	3.2815
1985	3.3553

11. Construção e Engenharia

<u>Ano</u>	<u>Inflatores</u>
1979	1.4831
1980	1.7093
1981	2.0982
1982	1.8203
1983	2.3477
1984	3.2885
1985	3.4361

12. Comércio (*)

<u>Ano</u>	<u>Inflatores</u>
1979	1.5287
1980	1.8250
1981	2.0548
1982	1.9800
1983	2.4198
1984	2.9685
1985	3.2688

13. Serviços em Geral (*)

<u>Ano</u>	<u>Inflatores</u>
1979	1.5287
1980	1.8250
1981	2.0548
1982	1.9800
1983	2.4198
1984	2.9685
1985	3.2688

OBS: Os índices de correção dos setores Comércio e Serviços em Geral têm como base o IPC.